



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS SERTÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

NÚBIA JAINY GÓES DE SÁ

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS DIDÁTICAS E
APLICABILIDADE DAS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA DA REDE
MUNICIPAL DE DELMIRO GOUVEIA – AL**

DELMIRO GOUVEIA- AL

2021

NÚBIA JAINY GÓES DE SÁ

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS DIDÁTICAS E
APLICABILIDADE DAS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA DA REDE
MUNICIPAL DE DELMIRO GOUVEIA – AL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Alagoas- UFAL/Campus Sertão como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pereira

DELMIRO GOUVEIA- AL

2021

Catlogação na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecário: Valter dos Santos Andrade – CRB-1251

S111a Sá, Núbia Jainy Góes de.

Avaliação da aprendizagem: perspectivas didáticas e aplicabilidade das professoras de uma escola da rede municipal de Delmiro Gouveia – AL / Núbia Jainy Góes de Sá - 2021.
54 f. : il.

Orientador: Rodrigo Pereira.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia) – Universidade Federal de Alagoas, Unidade Delmiro Gouveia, Campus Sertão, Delmiro Gouveia, 2021.

Bibliografia: f. 46-49.
Apêndices: f. 50-54

1. Aprendizagem. 2. Avaliação. 3. Perspectiva didática. 4. Professores - Mediação. 5. Flexibilidade. 6. Escolas municipais – Delmiro Gouveia (AL). I. Título.

CDU: 37.013

NÚBIA JAINY GÓES DE SÁ

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM: PERSPECTIVAS DIDÁTICAS E
APLICABILIDADE DAS PROFESSORAS DE UMA ESCOLA DA REDE
MUNICIPAL DE DELMIRO GOUVEIA – AL**

Monografia apresentada à Universidade Federal de Alagoas- UFAL/Campus Sertão como requisito parcial para a conclusão do curso de graduação em Pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pereira

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Professor Dr. Rodrigo Pereira
Universidade Federal de Alagoas – UFAL

Professora Dr. Ana Paula Solino Bastos
Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão (Examinadora Interna)

Professora Dr. Lilian Kelly de Almeida Figueiredo Voss
Universidade Federal de Alagoas – Campus Sertão (Examinadora Interna)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo dom da vida e por ter me proporcionado chegar até aqui. A minha família, em especial aos meus pais: Jailma Costa Góes de Sá e João Gomes Queiroz de Sá, por toda dedicação e paciência, contribuindo diretamente para que pudesse ter êxito na caminhada, em meio a distância e a saudade de casa. Agradeço a minha filha, Maria Sawane Góes de Sá, o presente mais lindo que ganhei, foi por ela que não desisti em meio as dificuldades da reta final.

Sem esquecer dos meus amigos, que também contribuíram ao longo da minha jornada acadêmica, pois, sem eles, o processo teria sido muito mais solitário, em especial, agradecer a Daniela Dias Gomes, por todo apoio, incentivo e conselhos ao longo do curso.

Meu singelo agradecimento aos professores que sempre estiveram dispostos a ajudar e contribuir para um melhor aprendizado em especial a meu professor e orientador Doutor Rodrigo Pereira. Minha gratidão a banca que aceitou fazer a leitura e contribuir para a finalização de mais um ciclo em minha vida. Por fim, agradeço a instituição por ter me dado à chance e todas as ferramentas que me permitiram chegar ao final de mais esse ciclo de maneira satisfatória.

Acolher o educando, eis o ponto básico para proceder atividades de avaliação, assim como para proceder toda e qualquer prática educativa. Sem acolhimento, temos a recusa. E a recusa significa a impossibilidade de estabelecer um vínculo de trabalho educativo com quem está sendo recusado.

(LUCKESI, 2000)

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo central analisar a avaliação como um instrumento flexível e reflexivo visando a garantia de ensino que atenda tanto as demandas institucionais como pessoais de cada estudante, sobre a perspectiva das professoras de turmas do 2º e 4º ano de uma escola da rede pública na cidade de Delmiro Gouveia – AL. A pesquisa compreende a avaliação como instrumento de reflexão em sala de aula, possibilitando que os professores percebam de forma mais singular as diferenças entre os estudantes. Buscou-se especificamente, analisar de que maneira pode ser feita uma avaliação flexível, refletindo sobre os avanços no sistema institucional, como também conhecer o papel dos docentes enquanto mediadores do ensino e aprendizagem e verificar quais as práticas e ações estão sendo feitas para garantir a qualidade da avaliação e aperfeiçoamento do desempenho dos estudantes. A metodologia aplicada foi conceituada como pesquisa exploratória, desenvolvendo-se em estudo bibliográfico e estudo de campo; os dados foram obtidos por meio de questionário aplicado a professoras do Ensino Fundamental da escola já mencionada. Para realização da análise elencamos as seguintes categorias: 1) A mediação como caminho para o êxito da avaliação e 2) A flexibilização para os melhores resultados. O estudo evidenciou o quanto que a avaliação deve ser tratada como uma relação horizontal entre educando e educador, a qual considera as singularidades dos sujeitos e se apresenta como instrumento de reflexão sobre a prática pedagógica. Para esta pesquisa utilizamos principalmente os conceitos de avaliação presentes nos estudos de Luckesi (2000, 2005, 2009), Saul (1998), Hoffman (2019) e Perrenoud (1999), além das reflexões sobre avaliação e currículo presentes no Referencial Curricular de Alagoas (2019). Entendemos que aplicar os meios de avaliação é, antes de tudo, para o professor, a ressignificação da prática pedagógica, na qual dá sentido às relações e diálogos que as aulas proporcionam, permitindo que os discentes empreguem em suas vidas cotidianas o que vivenciam na escola de maneira harmônica e fluída.

Palavras-chave: Avaliação. Perspectivas Didáticas. Flexibilidade. Mediação.

ABSTRACT

The present study has as main objective to analyze the evaluation as a flexible and reflective instrument aiming at guaranteeing teaching that meets both the institutional and personal demands of each student, from the perspective of the teachers of the 2nd and 4th year classes of a school in the network. public in the city of Delmiro Gouveia - AL. The research understands the evaluation as an instrument of reflection in the classroom, allowing the teachers to perceive in a more singular way the differences between the students. It was specifically sought to analyze how a flexible assessment can be made, reflecting on the advances in the institutional system, as well as to know the role of teachers as mediators of teaching and learning and to verify what practices and actions are being done to guarantee the quality of assessment and improvement of student performance. The applied methodology was conceptualized as exploratory research, developing in bibliographic study and field study; the data were obtained through a questionnaire applied to elementary school teachers at the school mentioned above. To carry out the analysis, we list the following categories: 1) Mediation as a way to the success of the evaluation and 2) Flexibility for the best results. The study showed how much the evaluation should be treated as a horizontal relationship between the student and the educator, which considers the subjects' singularities and presents itself as an instrument of reflection on pedagogical practice. For this research we mainly use the concepts of evaluation present in the studies of Luckesi (2000, 2005, 2009), Saul (1998), Hoffman (2019) and Perrenoud (1999), in addition to the reflections on evaluation and curriculum present in the Alagoas Curriculum Reference (2019). We understand that applying the means of assessment is, above all, for the teacher, the resignification of pedagogical practice, in which it gives meaning to the relationships and dialogues that the classes provide, allowing students to use in their daily lives what they experience at school in a harmonious and fluid way.

Keywords: Evaluation. Didactic Perspectives. Flexibility. Mediation.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OS CAMINHOS DA AVALIAÇÃO: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS	12
2.1 Perspectivas da avaliação: Examinar, Medir, Classificar e Qualificar	12
2.2 Avaliar para Ampliar a Qualidade do Ensino	18
2.3 Avaliar Sobre a Luz das Aprendizagens	22
3. SISTEMAS DE AVALIAÇÃO: PERCURSO METODOLÓGICO	25
3.1 Perfis da Escola e seus Sujeitos	25
3.2 Métodos de Avaliação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental	27
3.3 Indicadores da Educação da Escola Pesquisada.....	30
3.4 Percursos Metodológicos	32
4. AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO NA CIDADE DE DELMIRO	34
4.1 A mediação como Caminho ao Êxito da Avaliação	34
4.2 A flexibilização para os Melhores Resultados	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
APÊNDICE	49
Apêndice I	50
Apêndice II	51

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo tem sua origem nas inquietações sobre quais seriam os melhores métodos a serem aplicados na avaliação de crianças cursando o ensino fundamental, a fim de garantir melhores resultados, na qual se assegure não só a quantidade de métodos, mas a qualidade do processo. Diante disso, formulamos o seguinte questionamento que servirá de referência para esta pesquisa: O que as professoras atuantes da rede municipal de Delmiro Gouveia, em uma determinada escola das turmas do 2º e 4º ano, estão fazendo para assegurar a qualidade no processo avaliativo de seus estudantes?

A justificativa por pesquisar esta temática decorre dos vários momentos em que a avaliação foi usada como instrumento de “tortura” ao longo dos anos na educação básica e ensino médio: os momentos de prova, que exigiam muito mais da memorização do que uma atividade intelectual mais qualificada. Os alunos nesse contexto, tornam-se meramente “decodificadores” e têm uma relação “mnemônica” com o que é repassado em sala. A dualidade hoje, em viver a função de estudante e amanhã de professora, aparece de modo a impulsionar ainda mais as inquietações a respeito de como exercer o papel de avaliadora que priorize a qualidade da sala de aula e estimule os alunos a querer aprender cada vez mais, não somente para passar na “prova”, mas para saber argumentar de forma crítica e coerente sobre o que é ensinado na escola; aprender para a vida.

Tendo como impulso a vivência na universidade que abrange as possibilidades de ensino, pesquisa e extensão, passamos a vislumbrar uma educação básica sob um prisma que remete à formação do estudante numa perspectiva macro, para além da base teórica advinda da teoria disciplinar. No entanto, quando tratamos da avaliação devemos estar conscientes de que ela possui uma função de mediação e não pode ser tratada como um fim em si mesma; é parte de um processo sistemático para medir e buscar meios para aprimorar a prática docente e melhorar o desenvolvimento integral dos estudantes. Sendo assim, a avaliação deve ser usada afim de proporcionar reflexões sobre o que está dando certo e o que não está, refletir sobre as falhas e trabalhar a partir delas, garantindo a sistematização da qualidade do ensino.

Vários questionamentos estão arraigados sobre o olhar dos docentes em relação ao processo e sobre o que é feito com os resultados obtidos em suas avaliações na sala de aula, tais como: Os professores entendem o que de fato representa o conceito de avaliar? Quais as formas de avaliação eles julgam indispensáveis? Há um momento de reflexão para que se trabalhe sobre as possíveis falhas? Os resultados avaliativos geram reflexão na equipe sobre a forma com a qual a avaliação vem sendo abordada? Existe mudança no sistema de avaliação do tempo em que o professor era estudante para os dias atuais? Quais as avaliações mais recorrentes executadas pela escola para comparativo quantitativo a nível local e nacional? O que tem sido feito sobre esses resultados numéricos? O que fazer para que os processos de avaliação não caiam na mesmice de “só preciso decorar”? Pois pensamos ser necessário que após cada período avaliativo seja pensado e levado a público onde se encontram as maiores dificuldades, para que os alunos possam dizer os motivos para tal e em parceria com a equipe pedagógica sejam pensadas ações para solucionar tais problemáticas.

Logo que a avaliação deixa de ser uma tortura e passa a auxiliar na qualidade e melhoria do ensino os resultados começam a aparecer, para isso é importante se pensar que a estrutura educacional de cada instituição pode influenciar positivamente para que a avaliação se consolide enquanto prática, reflexão e ação. Sobre essa finalidade, a pesquisa aqui descrita, buscou reunir um grupo de professoras atuantes na rede Municipal da Cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas para saber como a avaliação vem sendo executada pela instituição, na tentativa de entender como a prática desse objeto de estudo pode resultar em melhoria na qualidade da educação, ampliando os olhares sobre o desenvolvimento do estudante como um ser integral e ao mesmo tempo singular.

As reflexões sobre quais critérios são usados na hora de avaliar ajuda o docente a perceber e refletir sobre sua própria prática, pois estamos a todo tempo expostos a aprender “o fazer didático”. Dado que, muitas vezes, o sistema cobra de tal forma que esquecemos como é difícil medir o conhecimento do outro por um momento ou em um único instrumento. O tema tem como relevância social construir a possibilidade de um quadro comparativo sobre os dados obtidos e os resultados avaliativos esperados na escola analisada.

Contamos como sujeitos, as professoras de uma escola da rede municipal da Cidade de Delmiro Gouveia, Alagoas. A pesquisa aconteceu no ano de 2019 afim de,

validarmos as técnicas e a percepção dos mesmos com relação ao papel de avaliadores.

O estudo apresentado, buscou atender como objetivo central a análise da avaliação como um instrumento flexível e reflexivo como garantia de ensino que atenda tanto as demandas institucionais como pessoais de cada estudante, despertando habilidades e instruindo para a transformação do mundo ao seu redor. Para alcançarmos tal objetivo, caminharemos em busca de compreender de que maneira pode ser feita uma avaliação flexível, refletindo sobre os avanços no sistema durante o processo de avaliar, como também conhecer o papel dos docentes enquanto mediadores do ensino aprendizagem, garantindo uma qualidade satisfatória em relação ao alcance de informações repassadas e associadas, a fim de garantir o intermeio entre a teoria e a prática, quando aplicado socialmente para transformar as realidades a qual os alunos estão sujeitos. Por fim, nossa pesquisa verifica quais as práticas e ações andam sendo feitas para garantir a qualidade da avaliação, na qual desencadeia os estudantes a não sentirem “medo” do método, mas sejam encorajados a vivencia-lo como um resultado da prática estabelecida ao longo de determinado tempo.

Sob a luz do discurso teórico, nos valem das reflexões e conceitos propostos pelos seguintes autores: Perrenoud (1999), Chueri (2008), Luckesi (2000) e (2009), Hoffmann (2001), dentre outros, além de documentos norteadores da educação em nível nacional, tais como a Lei de Diretrizes e Bases da Educacional (1996) e a Base Nacional Comum Curricular (2017), além do Referencial Curricular de Alagoas (2019).

O trabalho está dividido em quatro seções, a própria introdução institui-se, como a primeira seção. A segunda é subdividida em três temáticas que apresentam informações sobre as formas de avaliação ao longo do tempo, como visões superadas ou agregadoras para um melhor desempenho do processo. Apresentando visões sobre como avaliar para ampliar a qualidade do ensino, no sentido de entender quais competências são necessárias para que tenha uma avaliação de qualidade. A avaliação sobre a luz das aprendizagens buscou contemplar o estudante como um sujeito integral, a fim de que aprenda na prática e dê significância a tal, contemplando aspectos globais e locais na qual possam interferir de maneira positiva, crítica e coesa sobre a realidade que vivem.

A terceira seção apresenta o perfil da escola, caracteriza os sujeitos da pesquisa, fazendo arranjos socioeconômicos sobre seus perfis, junto com os

indicadores da Educação Básica no Município de Delmiro Gouveia, bem como a percepção de avaliação para a primeira etapa do ensino fundamental, além de retratar toda a metodologia aplicada durante o processo, conceituada enquanto pesquisa exploratória, seu delineamento constitui-se por meio de um estudo bibliográfico, com estudo de campo, a fim de investigarmos as práticas e o contexto em que acontecem. Analisamos os dados coletados de forma qualitativa por meio de questionários aplicados as professoras do fundamental, no município já citado.

A quarta seção, apresenta objetivamente as respostas obtidas com os sujeitos da pesquisa e uma interpretação a partir de categorias de análise, na busca por entender o processo de mediação e flexibilidade como os melhores caminhos ao êxito avaliativo dos sujeitos envolvidos.

Por fim, apresentamos as considerações e nosso entendimento a respeito da dinâmica da avaliação e as respostas e relatos das professoras sobre suas práticas. Almejamos com esta pesquisa contribuir para o aprofundamento e compreensão desse tema e destacar como as práticas de avaliação estão sendo realizadas em Delmiro Gouveia, seus desafios e suas conquistas.

2 OS CAMINHOS DA AVALIAÇÃO: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS

Esta segunda seção busca uma reflexão sobre os métodos usados para a avaliação escola. Entendendo que as competências no decorrer do processo de escolarização seguem alguns objetivos a serem atingidos, o texto, dispõem-se a apresentar uma visão sobre as funções que a avaliação exerce no âmbito de diagnosticar e verificar. Ampliando os olhares para a avaliação como um instrumento necessário, mas que seja pautado, sobretudo nos campos de aprendizagem da qual implicam em resultados na vida de seus estudantes, por entender que somente a soma de várias funções da avaliação atrelada entre si decorre como necessárias no processo de amplitude integral do estudante e garanta sua permanência nas instituições como algo de significância e que apresente sinais reais de resultados e eficiência dos métodos aplicados.

2.1 Perspectivas da avaliação: Examinar, Medir, Classificar e Qualificar

Entendemos a avaliação como algo formal e necessário no processo de ensino aprendizagem. Sendo ela formal e sistematizada, a avaliação trabalha sobre o princípio de atingir objetivos sejam esses, implícito ou explícitos pela escola. No entanto a avaliação não existe por si só, ela precisa de conceituações ou pressupostos teóricos para que de fato se desenvolva. Dessa forma, seu modelo, estabelecido como está hoje, passou por algumas mudanças que intercalam o cenário político e social da época na qual surgiu justamente para atender os interesses de uma dada classe social, que por vezes usou a avaliação somente como método para excluir os mais pobres.

Historicamente as práticas de avaliação foram marcadas pelo uso de exames e provas, muito comuns em colégios católicos da Ordem Jesuítica e em escolas protestantes, a partir do século XVI (CHUEIRI, 2008). Conforme Luckesi (2003, p. 16; apud CHUEIRI, 2008, p. 53)

A tradição dos exames escolares, que conhecemos hoje, em nossas escolas, foi sistematizada nos séculos XVI e XVII, com as configurações da atividade pedagógica produzidas pelos padres jesuítas (séc. XVI) e pelo Bispo John Amós Comênio (fim do séc. XVI e primeira metade do século XVII).

Estes colégios buscavam uma formação com uma forte perspectiva moral, tendo como característica marcante as sessões solenes com formação de bancas examinadoras e comunicação pública dos resultados. O século XVII, posteriormente, caracterizou-se, no entanto, por centralizar o papel do professor como sendo o principal, valendo-se dos exames como estímulos intelectuais para a aprendizagem dos estudantes. Os exames ao longo dos dois séculos, trabalhavam sob a égide do controle, com pretensão de exclusão daqueles que não atendiam as demandas estabelecidas, bem como o princípio do medo.

Essas práticas permaneceram durante a ascensão do capitalismo, valendo-se agora do poder de controle do Estado que cada vez mais criava critérios para selecionar os “melhores”, instituindo a sociedade meritocrática¹ que para muitos foi considerado uma conquista, deixava de considerar a camada mais pobre que não tinham as mesmas oportunidades da burguesia.

A escola, bem como todos os interessados em seus resultados, enxergava a avaliação como bem afirma Luckesi (2009, p. 18):

O sistema de ensino está interessado nos percentuais de aprovação/reprovação do total dos educandos; os pais estão desejosos de que seus filhos avancem nas séries de escolaridade; os professores se utilizam permanentemente dos procedimentos de avaliação como elementos motivadores dos estudantes, por meio de ameaça; os estudantes estão sempre na expectativa de virem a ser aprovados ou reprovados e, para isso, servem-se dos mais variados expedientes.

A avaliação como perspectiva de examinar desconsidera a aprendizagem dos conteúdos como algo de importância para a vida, para a formação crítica e de enfrentamento dos desafios cotidianos dos estudantes, pois os nomeiam como meios para obtenção de uma nota final. Como instrumento desse modelo de avaliação temos a prova, que mostra os resultados às vezes autoritárias da relação professor/aluno. Luckesi (idem, p. 21) alerta para os desdobramentos que essa relação pode apresentar quando argumenta: “os professores elaboram suas provas para “provar” os alunos e não para auxiliá-los na sua aprendizagem; por vezes, ou até em muitos casos, elaboram provas para “reprovar” seus alunos”. Dessa maneira, o autor nos leva a refletir sobre o uso da avaliação como condicionamento social dos estudantes,

¹ Sistema ou modelo de hierarquização e premiação baseado nos méritos pessoais de cada indivíduo.

que passa a considerar a nota como sendo mais relevante e de maior importância que a própria aprendizagem.

Ainda muito usada nas escolas, a prática de examinar ao invés de avaliar é algo muito recorrente até mesmo depois do ensino básico e em seu próprio trajeto com os exames para ingresso nas universidades (a exemplo, o Exame Nacional do Ensino Médio - ENEM²) ou os tantos outros realizados ao longo do processo de escolarização, como a Avaliação Nacional da Alfabetização (ANA³), a Avaliação Nacional do Rendimento Escolar (conhecida como prova Brasil), e o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (ENADE⁴), que mais apresentam números do que de fato conhecimento.

Como consequência a essa pedagogia do exame, Luckesi (2009, p. 25) nos faz lembrar-se alguns de seus efeitos:

Pedagogicamente, ela centraliza a atenção nos exames; não auxilia a aprendizagem dos estudantes. [...] psicologicamente, é útil para desenvolver personalidades submissas. [...] e sociologicamente, a avaliação da aprendizagem é bastante útil para os processos de seletividade social [...].

Com uma ressalva para as consequências sociológicas o autor não desconsidera os processos seletivos, desde que os mesmos estejam associados ao processo de ensino/aprendizagem.

O processo de avaliar, portanto, deve estar intrinsecamente amarrado à sua consequência enquanto ação. É possível que, enquanto professores no exercício de nossa prática nos questionemos: O que os nossos estudantes estão fazendo com as informações que recebem na escola? Sua postura social está mais crítica e reflexiva? Eles estão lutando por seus direitos e são capazes de argumentar de forma lógica e coerente de acordo com o cenário disponível? E se para todas essas perguntas a resposta: talvez, parte deles. Ou em casos extremos isso não esteja acontecendo em

² Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) tem o objetivo de avaliar o desempenho do estudante ao fim da escolaridade básica.

³ A ANA, um dos instrumentos do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), avalia os níveis de alfabetização e letramento em língua portuguesa, a alfabetização em matemática e as condições de oferta do ciclo de alfabetização das redes públicas.

⁴ O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial.

hipótese alguma, o processo de avaliação está sendo um fracasso social, portanto, digno de ser repensado.

No século XX, a avaliação surge em uma nova perspectiva de medida, embasada nos estudos de Eduard Lee Thorndike (1874-1949) acerca dos testes educacionais que aconteceram nos Estados Unidos. Semelhante a esse fato, não pode deixar de citar as contribuições da Psicologia sobre a avaliação educacional com relação aos testes de inteligência (CHUEIRI, 2008). Consequentemente, essas ideias que permearam e se fizeram entender por um tempo que a avaliação equivalia simplesmente a medir. Conforme Ribeiro (2005, p. 128):

A preocupação dos estudiosos e usuários da avaliação se convergia para a elaboração de instrumentos ou testes para verificação do rendimento escolar. Só poderia ser avaliado o que fosse observável, apresentando-se como suporte para isso um paradigma positivista orientado principalmente pelos estudos dos avaliadores norte-americanos.

Dessa maneira, o professor exercia um papel técnico, que de acordo com a autora (idem, p. 129) era “orientado por princípios que evidenciavam a inflexibilidade, a imparcialidade, a objetividade e a quantificação”. Dessa forma os estudantes eram condicionados a interpretar os acontecimentos de uma mesma maneira, negando-lhes o então processo de democracia e da autocrítica.

Outra contribuição da Psicologia fez com que surgisse o que chamamos de “Pedagogia Tecnicista”, segundo Caldeira (1997, p. 53):

A Pedagogia Tecnicista busca sua concepção de aprendizagem na psicologia comportamental. Esta sempre buscou adquirir o “status” de ciência, libertando-se da introspecção e fundamentando-se na lógica científica dominante que lhe garantisse a objetividade das ciências da natureza. Seu principal foco de preocupação são as mudanças comportamentais que possam ser cientificamente observadas, portanto, quantificadas.

A avaliação vista dessa forma nos mostra os resultados de comportamento e de aprendizagem, sendo assim, mantém-se apoiada na lógica sistemática de que os dados podem chegar a mudar o comportamento, seguindo tal ideia, “se um aluno não foi bem por agir de tal maneira, ele ao mudar seu modo de se posicionar possa vir a ter melhores resultados”. Pois a avaliação usada como um processo de medida tende a julgar um tempo exato e deixa de considerar o que por ventura o estudante tenha

feito em outro momento e que também signifique aprendizagem, a esse respeito, convém ressaltar a fala de Hoffmann (2001, p. 41):

Processo é evolução, é desenvolvimento. Desenvolver-se e ir à frente, estar em estado de inquietude permanente, fazer e refazer, descobrir novas maneiras de aprender, novos jeitos de ser. O desenvolvimento de cada ser humano absorve o mesmo carácter de incompletude da existência humana. Constitui-se pelo passado e projeta-se, pelas ações do presente, no futuro.

Cabe nesse mesmo sentido, mencionar que o processo de avaliação desconsidera a subjetividade do professor por não permitir que o mesmo mantenha uma aproximação flexível para com os estudantes, pois sua prática deve estar concentrada totalmente nas técnicas e teorias a serem repassadas. Em contrapartida, Hoffmann (2001) nos leva a pensarmos na evolução dessa avaliação como um caminho disposto a mover-se de acordo com as dificuldades e interesses gerados, mistificando o sentido de proporcionar equidade entre os estudantes.

A avaliação em suas muitas facetas apresenta características de classificar e regular segundo seus critérios pré-estabelecidos, de modo que os estudantes são comparados uns com os outros e a partir deles, surgem e saem os melhores e os piores, considerada, desta forma, como uma visão excludente da avaliação, pois quebra os paradigmas de diferenças enquanto o tempo de aprendizagem. Hoffmann (2001, p. 41) acrescenta.

O tempo da avaliação é decorrente de suas demandas e estratégias de aprendizagem e não do curso das atividades inicialmente previstas pelos professores. Uma tarefa igual não é cumprida ao mesmo tempo por todos, porque não apresenta o mesmo desafio.

Cabe ao professor, o papel de repensar a heterogeneidade presente na sala de aula, e pensar sua prática respeitando o tempo de cada estudante, somente dessa maneira, a avaliação seria assumida como um processo de evolução, na qual respeita as singularidades e entende o estudante como cidadão de formação integral, da qual não considera apenas um momento, mas toda sua bagagem vivencial, até a sala de aula.

Outra forma assumida de avaliação são os certificados que imprimem conhecimentos gerais sobre dado assunto e globaliza o conhecimento sem necessariamente precisar de mais alguns critérios para exercer ou seguir adiante na

jornada de estudos, por exemplo. Concordamos quando Perrenoud (1999, p.13 apud CHUEIRI, 2008, p. 57) declara:

Uma certificação fornece poucos detalhes dos saberes e competências adquiridos e do nível de domínio precisamente adquirido em cada campo abrangido. Ela garante, sobretudo, que um aluno sabe globalmente “o que é necessário saber” para passar para a série seguinte no curso, ser admitido em uma habilitação ou começar uma profissão (...). A vantagem de uma certificação instituída é justamente a de não precisar ser controlada ponto por ponto, de servir de passaporte para o emprego ou para uma formação posterior.

Equivale dizer que esse método de avaliação enquanto classificação por certificado ou diploma acaba não sendo confiável, porque uma pessoa pode muito bem-estar em dado lugar e ganhar o certificado sem ter adquirido de fato aprendizagem, enquanto, outra, não esteve e possui conhecimentos acerca do tema, no entanto, não será considerada no processo, pois, não possui o “passaporte” para tal. Esse modelo de avaliação desconsidera por completo os tempos de aprendizagem, que não sendo iguais, são menosprezados e julgados como incapaz.

Conforme Saul (1988, apud CHUEIRI, 2008, p. 58), a partir da década de 1960, surge inúmeras críticas sobre os modelos e práticas da avaliação em nossas escolas, verificando-se um rápido desenvolvimento de enfoques de avaliação alternativos, de acordo com a autora (1988, p. 45 apud CHUEIRI, 2008, p. 58):

Produziu-se um acelerado desenvolvimento do interesse sobre a perspectiva chamada de avaliação “qualitativa”. Esse movimento deveu-se em grande parte ao reconhecimento de que os testes padronizados de rendimento não ofereciam toda a informação necessária para compreender o que os professores ensinavam e o que os alunos aprendem.

A avaliação vista dessa forma, tinha como perspectiva, o reconhecimento progressivo e contínuo do estudante em um delineamento flexível. Saul (1988) chamou-a de “avaliação emancipatória, instituída por três eixos: avaliação democrática, crítica institucional e construção coletiva”. A avaliação democrática entendida a partir dos conceitos de: sigilo, negociação e acessibilidade. A crítica institucional e coletiva, compreendida por meio da expressão e descrição da realidade, por meio de diagnóstico institucional e descrição dos dados, permitindo, portanto, a reorganização do Projeto Político Pedagógico, elaborado de forma coletiva e

repensado a partir das realidades vivenciadas, na qual contemple os sujeitos e as ações de todos os envolvidos no processo.

Dessa maneira, a avaliação qualitativa busca de acordo com os processos de ensino as respostas dos estímulos de aprendizagem, sem desconsiderar por completo seu caráter quantitativo, mas, agregando significância para o processo final, na qual o estudante possa se destacar em inúmeras esferas, sendo avaliado por “completo”, sem que isso implique em simples processos de memorização. Segundo Hoffmann (2001, p.67):

Não são, assim, significativas explicações imediatas ou ações simplesmente corretivas do professor, endereçadas particularmente aos alunos que erram as respostas, mas o planejamento de atividades em sequência que suscitem a construção de tais conceitos. Preferentemente, ações interativas para que as diferentes hipóteses do aluno sejam confrontadas, espontaneamente, com as dos colegas. A dinâmica do processo avaliativo terá, então, prosseguimento, com a observação das manifestações [...]

De acordo com a autora, o plano epistemológico deve ser observado considerando todos os aspectos possíveis de aprendizagem, considerando assim uma aula interdisciplinar que envolva não só conteúdos isolados, mas contextos permissivos de intervenções sejam esses, na própria ação do educador como mediador ou do estudante como um cidadão crítico e reflexivo. Com abordagens metodológicas que ultrapassem o livro didático em somente ler e responder questões, das quais confrontem pensamentos, ideias e gere argumentos sólidos e baseados conforme o estudo científico.

2.2 Avaliar para Ampliar a Qualidade do Ensino

No início da vida escolar, muitas expectativas são criadas em torno do que irá se desenvolver e essa ideia parte não só dos pais, mas da equipe escolar como um todo, na busca pela resposta de quais competências são necessárias para que o estudante possa avançar na jornada de estudos, definimos o significado de competência segundo Perrenoud (1999, p. 151), das quais “vê as competências não como um caminho, mas como um efeito adaptativo do homem às suas condições de

existência". Entendemos, portanto, competência como a capacidade de organizar conhecimento em todas as suas esferas como parte pertencente a sociedade.

Percebe-se desse modo que os processos de avaliação emergem sobre uma tríade com a função da qual decorrem os processos, como sendo: diagnóstica, de verificação e de apreciação.

A primeira dessas funções, segundo Miras e Solé (1996, p.381) "é a que proporciona informações acerca das capacidades do aluno antes de iniciar um processo de ensino-aprendizagem". Dela, decorrem reflexos da avaliação como uma maneira de se melhorar a prática.

A segunda função é atrelada a visão formativa, que tem como princípio o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem que é apresentada conforme Bloom, Hastings e Madaus (1975 apud OLIVEIRA, S/A, p. 2) seguindo uma perspectiva da qual, "a avaliação formativa visa informar o professor e o aluno sobre o rendimento da aprendizagem no decorrer das atividades escolares e a localização das deficiências na organização do ensino para possibilitar correção e recuperação". Aparece como uma avaliação que manda feedback sobre como acontecem seus processos, a fim de melhorar a qualidade do trabalho tanto do professor como do aluno, das quais permitem ajustes as necessidades dos mesmos.

A última atribuição da função da avaliação se encara de maneira somativa, estabelecendo-se como um balanço somatório de uma ou várias sequências no trabalho de formação, sua maior preocupação resulta nos números e indicadores de qualidade do ensino. Tem o propósito de classificar os alunos ao final de um período de aprendizagem, semestre, ano, mês ou curso, de acordo com os níveis de aproveitamento (BLOOM, HASTINGS e MADAU, 1975 apud OLIVEIRA, S/A, p. 2).

A função somativa da avaliação é a que classifica os alunos enquanto instrumento de análise, sem considerar ou ponderar seus processos de desenvolvimento ao longo do período a qual vivenciou.

As funções aqui elencadas visam à compatibilidade entre mediar o ensino por quantidade e a qualidade dos mesmos, para que nos processos e entre suas funções se percebem o estudante como um ser singular e propicio a aprender sobre e com as diferenças expostas ao coletivo. Sendo os processos de aprendizagem considerados como mérito de evolução, a avaliação como garantia de aprendizagem assegura aos estudantes que não sejam meros assimiladores ou copiadores. Cruz (1999, p.5),

ressalta essa afirmação quando nos leva a refletir sobre os reflexos da relação professor-aluno:

A relação professor-aluno é baseada em grande parte na transmissão vertical do conhecimento, através de aulas expositivas, de pouca utilização de recursos e materiais didáticos, tendo na voz, no giz, no quadro negro e na apostila, seus principais apoios pedagógicos. O aluno dentro (sic) é visto como plateia, o ensino como reprodução de conhecimento e a informação verticalizada como a prática de ensino e assimilação.

Os reflexos da avaliação que garanta a singularidade nos processos de aprendizagem visam superar essa dicotomia de relação, e ampliar os horizontes das quais se formem alunos críticos e de autonomia intelectual. Pellegrini (2008, p.74) destaca:

O professor deixa de ser aquele que passa as informações para virar quem, numa parceria com crianças e adolescentes, prepara todos para que elaborem seu conhecimento. Em vez de despejar conteúdos em frente à classe, ele agora pauta seu trabalho no jeito de fazer a garotada desenvolver formas de aplicar esse conhecimento no dia-a-dia.

Defendida a ideia de uma avaliação que privilegie os tempos de aprendizagem, é importante que se considere diversas maneiras de agrupar os estudantes a fim de garantir os melhores resultados.

“A avaliação escolar, hoje, só faz sentido se tiver o intuito de buscar caminhos para a melhor aprendizagem”, afirma Jussara Hoffmann (apud Pellegrini, 2008, p.74). Implica, dessa maneira, para os professores, entender o processo de avaliação como uma prática contínua da qual surtam efeitos dentro e fora da sala de aula com a solidificação do conhecimento posto em prática e de maneira pertinente estabelecida como reflexos de sua vivência cotidiana e social.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em 1996, determina que a avaliação seja contínua e cumulativa e que os aspectos qualitativos prevaleçam sobre os quantitativos. Implica, portanto, que os processos de desenvolvimento ao longo do ano sejam também considerados e aliados a “nota final” do bimestre, por exemplo. Segundo Perrenoud (1999, p.154):

Falam aos alunos alguns conhecimentos básicos em campos específicos da Matemática, por exemplo, que foram estudados de forma descontextualizada e que quando precisam ser resgatadas por ele para sua utilização na vida

prática, acabam por não fazer correlação consciente entre a matéria dada e a competência exigida.

A importância de correlacionar o que é passado na escola com o cotidiano dos discentes, incentiva de modo prático a aquisição de novas competências, das quais atendam às exigências da vida cotidiana com relação ao que aprendemos ao longo de nossas vidas.

A visão de avaliação formativa é pautada, portanto, sobre a ótica de mudanças em todos os cenários em que os estudantes compõem, das quais busca ações de inclusão, cooperação e respeito entre os envolvidos. O professor tem como função dentre seus papéis, o de buscar e identificar novos caminhos para atender as necessidades da turma, implicando para a escola também em mudanças significativas das quais tem o estudante como centro de interesse e não mais como mero participante no processo de desenvolvimento e aprendizagem.

A garantia desse “centro de ações” está assegurada mais recentemente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) de 2018, a qual norteia as ações da escola como uma base única, flexível que atende interesses em campos de experiência e propicia aos estudantes o processo ativo e integral na busca de seus conhecimentos. Além disso, proporciona a constante reflexão entre competências e habilidades adquiridas ao longo e sobre o processo de formação como uma esfera da qual busca a linearidade básica de aptidões para os estudantes em todos os cantos do país.

A BNCC apresenta a direção do que seria uma sugestiva mudança curricular sobre a ótica de compreender a educação, ofertando dez competências gerais capazes de:

Inter-relacionar-se e desdobrassem no tratamento didático proposto para as três etapas da Educação Básica (Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio), articulando-se na construção de conhecimentos, no desenvolvimento de habilidades e na formação de atitudes e valores, nos termos da LDB. (BRASIL, 2018, p. 8-9)

Essas habilidades de que trata o artigo serão construídas ao longo de toda a jornada escolar, agregando ações de valorização cultural, tecnológica, autocuidado, diálogo, empatia, entre outras. As competências demarcadas na Base imprimem o sentido de “saber fazer”, assegurando o fortalecimento de ações das aprendizagens essenciais, conforme dada na redação do documento. (BRASIL, p. 13).

A qualidade do ensino sobre esses princípios, leva os estudantes a um comparativo de igualdade que independente do lugar que ocupam, a qual, são sujeitadas as mesmas oportunidades. Passíveis é claro de contextualização local e global, mas das quais sejam permissivas e valorizem o que temos de diferença sem deixar de contextualizar, o fazer didático passa a ser planejado visando a equidade e reconhecendo diferentes necessidades no processo de aprender e avaliar. Pensando justamente em assegurar o desenvolvimento integral dos estudantes a BNCC destaca:

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades. (BRASIL, 2018, p. 14)

Avaliar, portanto sobre essa perspectiva que pensa o estudante como um sujeito integral, abrange as possibilidades de enxergar o potencial de cada um de forma singular e respeitosa.

A BNCC define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento [...] (BRASIL, 2018, p. 7). Espera-se que a Base alinhe as propostas de educação e aprendizagem, em todos os campos normativos, e em todas as esferas, públicas e privadas. Não como uma forma de singularizar o que deve ser repassado, mas como forma de possibilitar que todos tenham o contato com o mesmo assunto e possam a partir dele pensar em perspectivas que atendam suas realidades.

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento (BRASIL, 2018, p. 8). Ao serem definidas essas aprendizagens a BNCC reconhece aos estudantes a garantia de atuar na diferença da sociedade em prol de uma reflexão/ação.

2.3. Avaliar sobre a Luz das Aprendizagens

A avaliação como um processo útil e necessário deve ser encarada pelas escolas como uma prática contínua de observações ao longo do ano. “A avaliação da aprendizagem não é e não pode continuar sendo a tirania da prática educativa, que ameaça e submete a todos. Chega de confundir avaliação da aprendizagem com exames” (LUCKESI, 2000, p. 1). A avaliação deve ser entendida como a associação entre os objetivos propostos e os métodos e conteúdos abordados, encarada como a mudança na produção de melhores resultados, esses, de maneira diagnóstica e inclusiva.

Cabe ao avaliador buscar meios para acolher a cada estudante em suas especificidades, aliando novas ideias a práticas diagnósticas que verificam as necessidades embutidas em cada um, e por meio disso, ações que sejam desencadeadas a fim de solucioná-las. Hoffman (S/A, p. 51) destaca como sendo o papel do professor:

Uma ação avaliativa reflexiva e desafiadora [...] em termos de contribuir, elucidar, favorecer a troca de ideias entre e com seus alunos, num movimento de superação do saber transmitido a uma produção de saber enriquecido, construído a partir da compreensão dos fenômenos estudados.

O papel do professor como avaliador, se estabelece desse modo, na dinâmica entre as metodologias estabelecidas como campo de experiências vivenciadas pelos estudantes, das quais propiciem novas significações em sua vida social, cultural e política, na busca por tentar desenvolver potencialidades de maneira integral, da qual os estudantes sejam capazes de atuar e mudar o cenário a qual estão expostos socialmente, não como mero mecanismo de decorar conteúdo sem relevância para a vida dos mesmos. Cabe ao educador, estabelecer relações dinâmicas entre o que acontece no mundo, como contexto global, para a discrepância do que ocorre em seu entorno, local, a fim de que cada um se reconheça como parte importante do desenvolvimento a qual pertence.

Ao entendermos o processo de avaliação sobre a ótica de Luckesi (2000, p.4) a qual afirma que “avaliar é um ato pelo qual, através de uma disposição acolhedora, qualificamos alguma coisa (um objeto, ação ou pessoa), tendo em vista, de alguma forma, tomar uma decisão sobre ela”, associamos as disposições da BNCC como uma

amplitude da visão de desenvolvimento do aluno, que não prioriza um aspecto, mas o contexto integral como resultante de uma aprendizagem que não segrega.

O professor como responsável por transmitir o conhecimento científico e estruturado, deve oferecer aos estudantes estímulos para aprender. Hoffman (S/A, p.54) estabelece:

A prática pedagógica consistirá, então, na transmissão clara e explícita dos conteúdos pelo professor, apresentando exemplos preferentemente concretos (organização de estímulos). Essa situação, por si só, promoverá a aprendizagem, desde que o aluno entre em contato com tais estímulos, esteja atento às situações. Assim, se o professor oferecer explicações claras, textos explicativos consistentes e organizar o ambiente pedagógico [...].

Se o educador atuar em prol de uma prática concreta e substanciada nas vivências de seu público, os alunos serão motivados a fazer parte, e ao consideramos a flexibilidade dos processos de avaliação até mesmo o discente desencorajado a não participar será motivado a ingressar na escola como agente transformador e responsável pelas mudanças na sociedade da qual compõem.

E caso o contrário aconteça, e mesmo assim, os estudantes não sejam motivados, o problema não estará mais sobre a perspectiva pedagógica metodológica, mas na vivência a qual esse, está exposto, pois entendemos que o contexto social influencia diretamente sobre o rendimento do estudante dentro da sala de aula.

Mudar a perspectiva político social das instituições com projetos e programas que comportem dinamismo entre o fazer/ação com materiais e subsídios estruturais é pauta para resolução das políticas públicas das quais ingressam sobre uma perspectiva de evolução no cenário social da qual os alunos fazem parte.

3. SISTEMAS DE AVALIAÇÃO: PERCURSO METODOLÓGICO

As ações implementadas pelo município pesquisado para melhorar o IDEB das escolas contam com programas governamentais que ofertam nossas visões sobre as formas de se conceber a avaliação como um momento reflexivo na qual corrige e trabalha em cima das questões de maiores necessidades na aprendizagem dos estudantes. Essa seção apresenta uma expansão de forma geral sobre o perfil da escola a qual analisamos no ano de 2019, bem como a percepção de avaliação implementada no município como requisito para melhores resultados no IDEB, uma análise breve sobre os dados quantitativos da instituição pesquisada e por fim o percurso metodológico para embasarmos de maneira científica o estudo aqui elencado.

3.1 Perfis da Escola e seus Sujeitos

A Escola Municipal pesquisada está situada, na cidade de Delmiro Gouveia – Alagoas. Atende as modalidades de ensino na educação básica do ensino fundamental de 1º ao 9º ano, ofertando o ensino nos dois turnos: Matutino (7h às 11h30min) e vespertino (13h às 17h30min) contando com o total de seis centos e setenta (670) alunos matriculados, a diretora ressalta que a condição sócio econômica de seus alunos é classe média baixa e classe baixa. As turmas são compostas, respectivamente por:

Números de alunos por turma no ano de 2019:

Serie- Ano	Número de Alunos
1º A	25
1º B	25
2º A	31
2º B	28
3º A	32
3º B	31
3º C	30
4º A	27
4º B	31
5ºA	33
5ºB	31
6ºA	34
6º B	32

6º C	33
7º A	35
7ºB	35
8º A	33
8º B	35
9º A	27
9º B	30
PROGRESSAO 1 ⁵	25
PROGRESSAO 2	27

Pelos dados, constatamos que há um elevado número de estudantes por turma o que dificulta ainda mais o trabalho da equipe pedagógica.

A estrutura da escola é composta por 12 salas de aula climatizadas e preparada para atender os discentes e suas necessidades. Conta com seis banheiros, sendo dois para alunos um masculino e um feminino, dois para professores localizados na sala dos professores e dois localizados na quadra esportiva para o uso de todos que compõe a escola, todos eles possuem lavatórios, sanitários, e acessibilidade a cadeirantes.

A escola conta com uma sala de recurso. Este espaço atende crianças e adolescentes com Necessidades Educativas Especiais (NEE), tais como; hiperatividade, déficit, síndromes entre outros. A sala é composta por materiais que atende a necessidade desses alunos tais como: Material em braile, jogos de encaixe, blocos de concentração, Materiais áudio visuais e entre outros.

A sala de leitura possui livros pedagógicos, mesa e cadeira para estudo, dicionários, jogos educativos, globo terrestre, atlas e entre outros, materiais esses que são utilizados pelos alunos para complementar seu processo de ensino aprendizagem. Além de contar com uma (1) cozinha, uma (1) secretaria, uma (1) biblioteca, um (1) depósito, uma (1) sala dos professores, uma (1) diretoria e uma (1) quadra esportiva.

A equipe da instituição é formada por professores qualificados, na qual todos possuem graduação, e um professor possui mestrado. A diretora tem vinte e sete anos de experiência profissional, sendo que este mesmo tempo de trabalho se dá na mesma escola. Uma das coordenadoras tem vinte e dois anos de experiência em educação dos quais, nove anos a mesma permanece na instituição já citada, com carga horária de 25hr semanais.

⁵ Turma formada com estudantes fora da faixa etária, com a finalidade de alinhar conhecimento e progredir para a série correspondente a idade de acordo com o desenvolvimento individual de cada um.

A equipe gestora conta com quatro profissionais, sendo todas mulheres, possuem as respectivas formações:

- Uma diretora - Possui pós-graduação em História;
- Uma diretora adjunta - possui pós-graduação em biologia;
- Duas coordenadoras - Ambas possuem pós-graduação em pedagogia.

A equipe docente é formada por trinta e oito professores sendo que vinte e nove possuem pós-graduação, sete formadas em pedagogia, um possui mestrado e um possui curso normal, porém está finalizando o curso de pedagogia.

A equipe conta também com profissionais como: secretaria escolar, segurança escolar, auxiliar de limpeza, vigilante, merendeira e assistente administrativo.

As professoras pesquisadas têm idades entre 32 e 44 anos, todas com formação em pedagogia. Elas serão identificadas na pesquisa como: Flor, Margarida e Rosa na intenção de resguardar seus verdadeiros nomes em sigilo ético. Flor e Margarida possuem especialização em psicopedagogia e Rosa é especialista em gestão. Margarida atua a dez (10) anos, desses, seis (6) anos é acompanhando as turmas de 4º ano, Flor, atua na educação a treze (13) anos e seu público alvo atual é uma turma do 2º ano, público da qual já vem trabalhando a dois (2) anos. Rosa, dentre as demais é a mais nova em atuação, desempenhando a carreira docente a três (3) anos, desenvolve seu trabalho em uma turma do 4º ano, sendo essa a primeira experiência com tal público.

Portanto, elencados os perfis dos discentes e profissionais da instituição, vale para nos ressaltarmos a importância do ambiente acolhedor na qual a instituição é formada com profissionais qualificados e ofertando uma estrutura básica para a qualidade do ensino.

3.2 Métodos de Avaliação nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental

A avaliação tem entre suas finalidades guiar o estudante no processo educativo para que se estimulem seus pontos fracos e eleve seus pontos fortes. O sistema de avaliação a nível nacional contava com inúmeras provas para se quantificar os dados de qualidade na educação básica.

Foi decretado que a partir de 2019 todas as avaliações que compreendem o Sistema passam a ser chamadas de Saeb⁶, acompanhado das etapas, áreas de conhecimento e tipos de instrumentos envolvidos, correspondentes a cada fase diagnosticada. O MEC estabeleceu que “as aplicações se concentrarão nos anos ímpares e a divulgação dos resultados, nos anos pares. Um dos destaques é a afirmação de dimensões da qualidade educacional que extrapolam a aferição de proficiências em testes cognitivos”. Compreende-se por meio de nota técnica nº 10/2019 que:

O SAEB – Sistema de Avaliação da Educação Básica – é formado por um conjunto de avaliações externas em larga escala, realizadas periodicamente por meio da aplicação de instrumentos padronizados (testes cognitivos e questionários) para etapas específicas da educação básica. (BRASIL, 2019)

Espera-se que com a aplicação do SAEB se evidenciem os problemas da educação de forma geral, para que em parceria com as esferas, sejam pensadas políticas públicas para a melhoria das questões evidenciadas, de modo, que ao serem calculadas as evidências educacionais, as melhorias possam ser compartilhadas e pensadas para o melhor resultado.

Conforme a nota publicada, no item 6.8 “os resultados do SAEB, serão calculados em níveis de desempenho e médias, a partir dos resultados individuais dos alunos” (BRASIL, 2019). O ensino fundamental, agora incluso o segundo ano como etapa conclusiva de alfabetização segundo a BNCC é elencada como nova etapa de referência para a avaliação, a nota técnica de Nº 10/2019, decreta no item 8:

- 8.1. Os estudantes do 2º ano do Ensino Fundamental serão avaliados com testes de Língua Portuguesa e de Matemática, com itens já alinhados à Base Nacional Curricular Comum de 2017 (INEP, 2019).
- 8.2. A avaliação do 2º ano do Ensino Fundamental será baseada em uma amostra de escolas públicas e privadas.
- 8.3. Para essa etapa de ensino, o INEP disponibilizará o cálculo da média do desempenho dos estudantes nos testes de Língua Portuguesa e Matemática [...]

As esferas avaliativas são diagnosticadas em instituições públicas federais, estaduais, municipais e privadas, com observância dos eixos em escolas da capital e interior.

⁶ <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/65791-ministro-da-educacao-anuncia-mudancas-no-sistema-de-avaliacao-a-partir-de-2019>

Com a mudança da avaliação para o segundo ano do fundamental, muitos profissionais criaram barreiras para a mesma, devido ao fato de alegarem que as crianças mais brincam do que levam a sério, pelo fato de não precisarem ficar retidos no ano correspondente. O sistema avaliativo sendo antecipado contradiz o decreto das Diretrizes para o Ensino Fundamental de Nove Anos – Resolução CNE/ CEB nº 07/2010, na qual, instituem-se os três primeiros anos do Ensino Fundamental como “[...] bloco pedagógico ou um ciclo sequencial não passível de interrupção, voltado a ampliar a todos os alunos as oportunidades de sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas, imprescindíveis para o prosseguimento dos estudos [...]”, com avaliação de conhecimentos para avançar ou ficar retido no primeiro ciclo realizado ao final do 3º ano do ciclo de alfabetização.

Por meio das publicações oficiais devemos refletir que a devolutiva da alfabetização já no segundo ano e não mais no terceiro, sofre os impactos de que as instituições mecanizam o ensino, sem uma continuidade do que faltou ou não deu tempo de fazer com determinada criança. A não retenção no primeiro e segundo ano passa a ser um problema, pois alguns estudantes que ainda não conseguiram seguir o ritmo das já alfabetizadas passam os anos alheios até serem barrados no terceiro ano. Implica para nós, enquanto pesquisadores, estudantes e profissional da educação, um ponto de reflexão sobre a maneira como as instituições estão conceituando esses estudantes, a não obrigatoriedade de alfabetização no primeiro ano, não exime do professor o dever de buscar meios para fazer com que isso aconteça, e não de maneira forçada, mas lúdica e cheia de significados.

Segundo a nota, é possível concluir que as próprias instituições devem se assegurar de suas práticas pedagógicas a fim de não se tornarem alheios ao sistema, para serem prejudicados enquanto quantitativo a nível nacional, nem muito menos prejudicar os estudantes com a severidade das regras. Nesse processo, vale salientar a importância da flexibilização nas avaliações e nos processos que rege as classificações de nível de aprendizagem. Como bem afirma Perrenoud (1999, p. 57) “a avaliação é muito mais do que uma medida. É uma representação, construída por alguém, do valor escolar ou intelectual de outro indivíduo”. Portanto, o processo exige além de tudo a cumplicidade entre avaliador e avaliado, registrando um processo social de troca, na qual o objetivo de um, é suprido a partir da curiosidade do outro em querer ir além.

Para Hoffman (1993, p. 18) “a formação do avaliador serve para potencializar e aprimorar as avaliações e torna-las consonantes em relação as demais”. Ou seja, deve ocorrer diante dos resultados de avaliações as reorientações para produzir os melhores resultados, tornado dessa maneira, a avaliação diagnostica e inclusiva, abordada sobre princípios das quais se articulem os objetivos e os métodos a serem aplicados.

3.3 Indicadores da Escola Pesquisada

Assim como em todos os cantos do Brasil o Estado de Alagoas, passa por testes de proficiência na qualidade do ensino, esses dados são disponibilizados através de sites oficiais como o QEdU, na qual disponibiliza dados para que se comparem os quantitativos e resultados de cada escola, assim, favorecendo também a análise de cada instituição. De acordo com o QEdU, “no Brasil 54% dos estudantes aprendem de forma adequada até o 5º ano, já em Alagoas, essa porcentagem reduz a 39%”. Resultados esses, obtidos por meio da Prova Brasil, e aplicados na escola SAEB.

No registro de 2017, o estado de Alagoas teve a meta atingida, segundo o QEdU⁷:

O Ideb 2017 nos anos iniciais da rede pública atingiu a meta e cresceu, mas não alcançou 6,0. De acordo com as análises do próprio site, “pode melhorar para garantir mais alunos aprendendo e com um fluxo escolar adequado”. A cidade de Delmiro Gouveia ocupa o 33º lugar nos índices do estado, na qual: “dos 800 alunos, 248 demonstraram o aprendizado adequado na competência de leitura e interpretação de textos até o 5º ano da rede municipal de ensino. Índice esse, que preocupa a todos, pois exibe menos de 50% do total de alunos inscritos nas séries correspondentes.

A escola pesquisada, de acordo com IDEB de 2017 está em estado de atenção, pois, conseguiu crescer no IDEB, no entanto não atingiu a meta prevista no ano de 2013 e nem conseguiu alcançar 6,0 que é o valor referência com relação ao ano de 2011.

O indicador de fluxo da instituição corresponde a 0,86, significando que de cada 100 estudantes, 14 não foram aprovados. O indicador de aprendizado obteve nota

⁷ Fonte: QEdU.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).

5,00, o que corresponde à metade do valor total (correspondente a 10), implicando na metade dos discentes a qual obtiveram o rendimento esperado.

As taxas de rendimentos escolar no ano de 2018, segundo o INEP teve como resultados:

ETAPA	REPROVAÇÃO	ABANDONO	APROVAÇÃO
ANOS INICIAIS	14,6% (46)	8,0% (26)	77,3% (243)
ANOS FINAIS	17,8% (44)	12,3% (31)	69,9% (172)

Fonte: QEdu.org.br. Dados do Ideb/Inep (2017).

Os motivos de reprovação equivalem aos requisitos de aproveitamento ou frequência escolar, o abandono é caracterizado pela falta de frequência sem a devida comunicação com a escola. O professor nesse processo numérico aparece como bem coloca Perrenoud (1999, p. 59) “ele não avalia em seu próprio nome, mas na qualidade de agente da organização escolar”. Por isso, os processos avaliativos devem sempre ser reflexos das práticas orientadoras de toda equipe pedagógica da instituição, a fim de validar todos os esforços na garantia de resultados satisfatórios tanto de maneira quantitativa como qualitativa.

Entre o ensino fundamental, o 1º e o 3º ano foram os que mais retiveram estudantes com uma taxa equivalente a 32,4% e o que menos reteve foi o 4º ano com 1,7%. Em quesito de aprovação o 2º ano obteve 89,6%, seguido do 4º ano com 86,2%, 1º com 83,7%, 5º equivalendo a 72,2% e o 3º com 63,2%. O quantitativo de reprovação surge como uma amostra da falha no próprio sistema pedagógico utilizado pelas instituições como também a falta de parceria com a família. Conforme Ribeiro (1991, p. 17)

[...] A prática da repetência está na própria origem da escola brasileira. O mesmo modelo de ensino da elite, onde o papel do professor era muito mais de preceptor da educação orientada pela família do que autossuficiente, do ponto de vista do processo de ensino-aprendizagem. É como se a escola tivesse apenas um papel de administradora da educação formal, que seria realizada em casa pela família.

A necessidade de uma proposta efetiva e uma prática pensada em todos os âmbitos de dificuldade social que os estudantes enfrentam deve ser posto como reflexão da práxis pedagógica, que orienta o desenvolvimento singular de cada discente. Ao contrário disso, estaríamos colaborando como mais uma escola

conforme a visão de Ribeiro (1991, p. 18) “[...] raramente encontramos uma escola que pretenda que seu processo de ensino-aprendizagem formal se esgote intramuros independentemente da situação da criança”. A escola deve, portanto, ser o espaço onde se deseja alcançar os grandes pódios, formando cidadãos críticos e lúcidos do atual quadro social a qual se enfrenta. E cabe a família, acompanhar todo o processo, estando inclusa, sendo também responsável não só pela frequência do filho (a) na instituição, mas inteirada da proposta curricular e metodológica da instituição.

De maneira geral os índices apresentados pela escola de acordo com os dados disponibilizados pelo QEdu, nos alerta, para as formas como se vem concebendo os atos avaliativos antes das provas empregadas pelo sistema. Pois são reflexos do que acontece no cotidiano desses estudantes, a seção 4 tem justamente essa perspectiva, de analisar quais vêm sendo essas práticas, fazendo uma análise dos relatos já apresentados com os discursos dos professores que labutam diariamente com esse público.

3.4 Percursos Metodológicos

A concepção apresentada sobre a elaboração dessa pesquisa emerge da tentativa de entender os meios pelos quais o ato avaliador vem sendo desenvolvida nas escolas municipais da cidade anteriormente citada, explicitando as práticas em uma Escola Municipal na cidade de Delmiro Gouveia – Alagoas.

A princípio aplicamos a hipótese de que uma avaliação que não demande apenas sobre resultados de provas escritas, busca as melhores qualidades de cada estudante como sujeito singular, em vista de que, o processo de avaliação integral desenvolve as noções de prática a aplicabilidade, trabalhando sobre realidades a fim de muda-las mediante o que o discente aprende e desenvolve de habilidade e competência, entendendo, portanto, que os níveis de desenvolvimento varia de pessoa para pessoa e que apenas um instrumento não seria capaz de dizer se o sujeito é ou não apto, sem considerar suas emoções e condições sociais.

Sendo assim, o estudo aqui apresentado é uma pesquisa exploratória, definida por Gil (2000, p. 41) como o “aprimoramento de ideias ou de descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a

consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado”. Como meio de explorar as múltiplas facetas por trás do ato avaliador. Da mesma forma, realizamos um estudo bibliográfico “desenvolvido com base em material já elaborado [...]” (GIL, 2002, p.44) e um levantamento de dados, através de pesquisa de campo.

O estudo teve como instrumento para coleta de dados o questionário, elaborado com nove (9) perguntas subjetivas a fim de analisarmos a visão e a prática das mesmas sobre o que é avaliar, quais as formas, a evolução no modo de se conceber a avaliação entre os tempos; a existência de reflexões sobre o meio de avaliação usado; o que elas fazem diante dos resultados não satisfatórios e como a escola aplica as avaliações que são demandas do sistema para quantificar resultados de IDEB por exemplo; e dados socioeconômicos das professoras, com o intuito de conhecer um pouco da formação e trajetória como docentes na rede municipal.

A partir dos dados, houve a interpretação das respostas com vista a entender o que ocorre na escola e como as professoras pesquisadas compreendem a avaliação. Os sujeitos da pesquisa se apresentam com nomes fictícios, nas quais são respectivamente professoras que atendem 2º e 4º ano do ensino fundamental, na escolha por investigar as práticas de anos específicos, o questionário foi aplicado apenas com as três professoras. Diante disso, nosso percurso metodológico, caminha em sentido de conhecer e gerar futuros debates acerca das representações avaliativas dentro da instituição do município já citada.

4. AVALIAÇÃO NA PERSPECTIVA DOS PROFESSORES DE UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO NA CIDADE DE DELMIRO

A aplicabilidade da avaliação discutida em dois vieses: a mediação e a flexibilização de ações nas práticas que desencadeiem a atuação efetiva dos estudantes em todo o processo que envolve a medição de sua aprendizagem.

Entender o professor como um mediador nesse processo avaliativo, permite que ele repense e faça a ressignificação de sua prática constantemente, sem a necessidade excessiva de pensar o estudante somente a partir de uma linha avaliativa.

A flexibilização aparece, dessa maneira como o caminho para se manter o diálogo entre equipe pedagógica e estudantes, visando sempre o melhor desempenho no processo das aprendizagens.

4.1 A Mediação como Caminho ao Êxito da Avaliação

Os debates acerca de como deve proceder aos processos avaliativos sofrem várias modificações ao longo do tempo, por entender o estudante como um ser integral e que não deve ser analisado apenas sobre uma ótica, desde a percepção de algumas necessidades especiais que possam apresentar, até a lógica de que as pessoas são diferentes e não necessariamente se desenvolvem no mesmo ritmo e sobre as mesmas experiências.

O processo de avaliação como uma prática que quantifica a qualidade deve ser envolto pela atuação de mediação entre o professor e seus alunos, na qual entendemos mediação segundo Scottini (2009, p. 213) como “intervenção, intermediação, ligação de duas partes”. Buscamos compreender a visão das professoras com relação ao termo, perguntamos: **De acordo com sua vivência pedagógica. O que você entende como avaliação?**

Das respostas adquiridas a que mais se aproxima da hipótese definida na pesquisa foi da professora Margarida, que diz: *“a avaliação é um meio de observação sobre os avanços e as dificuldades de cada educando, onde a partir daí os educadores irão planejar suas ações para ajudar o educando a prosseguir com êxito seu processo de escolarização”*. A fala da professora Margarida reverbera a prática sobre a seguridade de qualificar o seu processo de ensino por meio das dificuldades

elencadas a partir de uma avaliação que não seja exitosa, repensando como apresentar novas opções avaliativas que consigam extrair dos estudantes o seu melhor.

Para a educadora Rosa, a avaliação é vista como *“um instrumento que o professor tem para verificar o conhecimento que cada aluno possui ou adquiriu em um determinado momento”*. A ideia da professora Rosa de restringir a avaliação como um instrumento de verificar um “determinado momento”, deixa para nós a ideia da avaliação usada apenas como um processo quantificador, sem gerar reflexões ou diálogos para além daquele momento, a prática pensada sobre esse enfoque acaba por tornar o processo avaliativo como mero gerador de números e a ideia expressa ao longo de todo debate, trabalha justamente para desmitificar essa ideia. Apontamos esse fato nas falas, principalmente de Perrenoud (1999) que cita as aprendizagens significativas, como sendo capazes de fazer sentido na vida de quem a pratica em um exercício constante de adaptação.

Flor, ao invés de definir, classifica a avaliação como sendo *“[...] através das atividades realizadas em sala de aula sendo ela contínua, vendo como um instrumento utilizado para avaliar a aprendizagem dos educandos”*. O processo contínuo e tão falado pelos professores, marca a perspectiva da professora Flor, no entanto essa continuidade não denota para nós de forma específica como ela entende na prática esse processo de continuidade, seja ele por sequências didáticas, projetos interdisciplinares ou outras tantas estratégias que caracterizam a prática avaliativa como contínua, na qual não prioriza uma ou outra disciplina, mas trabalha de forma abrangente, elencando o máximo de informações possíveis sobre o que os estudantes sabem e podem agregar sobre o que será exposto em aula.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNEB) definem:

No nível operacional, a avaliação das aprendizagens tem como referência o conjunto de habilidades, conhecimentos, princípios e valores que os sujeitos do processo educativo projetam para si de modo integrado e articulado com aqueles princípios e valores definidos para a Educação Básica, redimensionados para cada uma de suas etapas. (BRASIL, 2013, p. 51)

Refletir sobre a maneira de avaliar é a maneira de buscar os meios para se mediar um processo menos complexo sobre o ato avaliador, dessa maneira, quisemos

saber das professoras se diante da verificação das avaliações, a equipe pedagógica busca soluções para reverter as situações que não são exitosas. As professoras de maneira unânime, responderam que tem o apoio da coordenadora, que junto dela, buscam os meios para extrair o melhor de cada estudante. Sobre este aspecto a professora Rosa argumenta: *“durante as reuniões e os planejamentos a coordenadora sempre dá sugestão para que se possa melhorar a aprendizagem dos alunos. Exemplos: trabalhar com jogos, dinâmicas, músicas, filmes, atividades fora da escola, atividades lúdicas com o uso de diversos materiais, inclusive tecnológicos como o computador e o projetor”*.

A fala da professora reverbera uma prática complexa e cheia de significados, na qual se buscam meios educacionais para além dos livros didáticos. Flor enfatiza que *“as práticas são planejadas justamente pensando nas dificuldades dos estudantes”*, Margarida, no entanto, se resguarda ao falar somente que *“se pensam em novos métodos diante das dificuldades”*, e enaltece *“a dificuldade em trabalhar sobre o que cada estudante apresenta como dificuldade, pelo número elevado na turma”*.

A prática docente ganha um novo significado pela aplicabilidade com que é ministrada, como bem afirma Veiga (2008) “[...] explora novas alternativas teórico-metodológicas em busca de outras possibilidades de escolha, procura a renovação da sensibilidade ao alicerçar-se na dimensão estética, no novo, no criativo [...]”. Assim, é possível afirmar que o professor deve estar disposto a se capacitar e enfrentar as barreiras concebidas sobre o modo tradicional no qual os trabalhos vêm sendo desenvolvidos nas escolas, trazendo para suas práxis ideias reflexivas, críticas, lúdicas e inovadoras que façam sentido com a vida cotidiana e social a qual está disposto seu público de ensino, a oferta do ensino como a possibilidade de agregar conhecimento e não como mero processo de selecionar.

Nessa perspectiva entender a avaliação dentro de um parâmetro que traga sentido à vida do educando é promover o modelo de educação estabelecido pelas DCNEB:

A educação é, pois, processo e prática que se concretizam nas relações sociais que transcendem o espaço e o tempo escolares, tendo em vista os diferentes sujeitos que a demandam. Educação consiste, portanto, no processo de socialização da cultura da vida, no qual se constroem, se mantêm e se transformam saberes, conhecimentos e valores. (BRASIL, 2013, p.16)

A avaliação como parte do processo de verificação da aprendizagem deve garantir voz ativa de seus sujeitos principais, os estudantes, das quais são os mais interessados em todo esse processo que quantifica e qualifica as pessoas.

Dessa forma, perguntamos as professoras: **como é garantida a participação desses alunos nos processos de verificação?** As professoras concordam em suas respostas ao apresentar discursos de que incentivam seus alunos a falarem quando não entender, gerando diálogos na sala. Na íntegra, as respostas das professoras, enreda os seguintes discursos:

Rosa: “converso bastante sobre minhas vivências e sempre induzo os alunos a falarem sobre como se sentem [...] digo que já fui aluna e quando se tem dúvida devemos sempre conversar e não ter vergonha nunca de errar, nós aprendemos com nossos erros e também com a prática diária”

Margarida: “A participação no processo de escolha não acontece, os instrumentos de escolha para avaliação são apenas explanados e eles tem conhecimento de como irá acontecer”.

Flor: “Incentivo e diversifico os meios de avaliar, sempre encorajando os estudantes”.

O discurso apresentado pela professora Margarida reflete o que notamos inúmeras vezes nos períodos de estágio, os professores não chegam para seus alunos perguntando como eles gostariam de serem avaliados, apenas aplica e pronto. Já a professora Flor ao falar que diversifica não nos deixa claro de que maneira acontece essa prática e se de fato essa diversificação desperta o interesse na turma. Destacamos, porém a fala da professora Rosa, que além de encorajar, desperta o lado humano, no processo de aprendizagem, quando afirma: “aprendemos com nossos erros e também com a prática diária” (Grifo nosso). Ao falar com os alunos sobre sua própria vivência a professora desperta nos estudantes o prazer de construir também significações, ao apontar que aprendemos com nossos erros, ela encoraja a não desistir, tornando mais ameno o processo avaliativo.

Alinhada a essa perspectiva as DCNEB (2013) enfatiza:

A escola, face às exigências da Educação Básica, precisa ser reinventada: priorizar processos capazes de gerar sujeitos inventivos, participativos, cooperativos, preparados para diversificadas inserções sociais, políticas, culturais, laborais e, ao mesmo tempo, capazes de intervir e problematizar as formas de produção e de vida. (BRASIL, 2013, p.16)

As DCNEB, desconstrói a estrutura da avaliação sobre a perspectiva autoritária, da qual passou por muitos anos como sendo a maneira de disciplinar ou até mesmo punir o aluno, destaca sobre as exigências avaliativas a participação e o engajamento do estudante, abrindo espaço para que o mesmo possa participar de maneira ativa e efetiva sobre os modos de quantificar seu processo de desenvolvimento.

A mediação como símbolo de ligação entre o currículo, professor e aluno apresenta para nós uma tríade inseparável, no entanto é de conhecimento de todos que os sistemas educacionais cobram resultados em números e sobre essa questão buscamos saber: **a escola executa quais avaliações empregadas pelo sistema? E com que periodicidade?** É unanime entre as respostas as avaliações bimestrais por disciplinas e a professora Flor, do segundo ano, destaca: “a prova SAEB que é utilizada para verificar o encerramento de ciclo”.

Apontadas ao longo das leituras como utilizadas para avaliar o sistema de ensino como um todo e impactar de maneira positiva no aprendizado de seus educandos, as avaliações externas destinadas aos anos iniciais do ensino fundamental, medem os conhecimentos em leitura, matemática e escrita. Já os meios de avaliação estabelecidos de maneira autônoma pelas escolas e pelos professores, não devem ser pautados unicamente nas notas, mas no direito da criança aprender e da professora ensinar, fazendo uso de métodos que sejam significativos e despertem o interesse em aprender. A docência no sentido epistemológico, apontada por Veiga (2008) “tem suas raízes no latim *docere*, que significa ensinar, instruir, mostrar, indicar, dar a entender”. A função deve desencadear em quem exerce ações que ultrapassem as paredes da sala de aula, pois, compreende a amplitude da construção social para com seus estudantes.

Não obstante, questionamos as professoras sobre a maneira com que recebem esses resultados encontrados na avaliação. *A professora Margarida, aponta que “os resultados são encaminhados para a equipe da escola, onde depois eles mesmos fazem a devolutiva”.* A fala da professora, não deixa claro se a comunidade escolar toma alguma providência diante desses resultados. Já a professora Rosa afirma que *“os números ajudam a direção a entender o processo de aprendizagem de forma geral”.* Ainda sobre os resultados, a professora Flor, reforça: *“são direcionados ao grupo gestor e a nós professores para trabalharmos em cima do que não foi aprendido”.* Buscar entender os porquês em torno dos resultados é uma das maneiras

de enunciar os processos de mediação, da tríade existente dentro da instituição escolar e assim, denunciar os meios que devem ser corrigidos e as visões que devem ser superadas. Freire (1992a, p. 83) afirma que:

Não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se faz, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar com a prática. A avaliação da prática revela acertos, erros e imprecisões. A avaliação corrige a prática, melhora a prática, aumenta a nossa eficiência.

A avaliação como uma reflexão da própria prática exige a clareza dos objetivos a serem alcançados, sobre a perspectiva de ser educador em um cenário marcado por diferenças acentuadas entre seus alunos, na qual o professor busca além do outro se perceber nesse processo como passível de mudanças metodológicas e de posicionamento humano, fazendo uso das avaliações periódicas como garantia de desenvolvimento efetivo do sujeito, sem despertar, no entanto, o medo ou a insegurança tão pontuada nesses momentos na vida dos estudantes.

4.2 A Flexibilização para os Melhores Resultados

Compreender que os alunos trazem para a escola a realidade e as perspectivas sociais a quais tem contato diário é o que nos leva a entender a flexibilização como um caminho que aponta para os melhores resultados no processo avaliativo. De acordo com Vieira (2009, p. 3):

[...] uma avaliação, além de tomar decisões, deve também conduzir a transformações. Se ela não transformar, qualitativamente, e se não oferecer elementos de reflexão para ações de transformação e melhoria não cumpre o seu papel do ponto de vista educacional.

Ao refletir sobre a fala da autora, fica evidente o papel da avaliação como uma construção de sentido para o educando, no qual seja visto e ponderado todos os indicativos, a fim de se obter os melhores índices de aprendizagem. Estes objetivos, por sua vez, devem ser pautados a fim de mobilizar, estudantes, escola e família para

melhor atender as expectativas, criando possibilidades educacionais das quais considere o perfil de cada educando.

A necessidade de que a escola conheça e mantenha um diálogo com a família de cada um de seus estudantes é empoderá-los enquanto protagonistas de suas histórias. Somente com a contribuição da família, e a possibilidade de tornar flexíveis as formas de se conceber a avaliação na escola é que os seus estudantes serão considerados na totalidade.

Dessa forma, junto das professoras buscamos entender quais os meios mais utilizados e que elas julgavam indispensável no processo de avaliação. A professora Flor, afirma que *“todas as formas de avaliação são importantes, desde o questionamento oral, atividades do dia-a-dia, trabalho em grupo e as provas”*. As professoras Margarida e Rosa, corroboram dos seguintes pensamentos:

Margarida: “durante todo esse tempo de sala de aula, acredito que as formas de avaliação indispensáveis para verificar a aprendizagem dos educandos são a avaliação diagnóstica e a avaliação formativa, porém a avaliação ela é contínua, ou seja, a todo instante estamos avaliando os educandos, até mesmo em dinâmica, jogos e brincadeiras e não apenas através da prova escrita”.

Rosa: “Diagnóstica (para identificar o nível de conhecimento do aluno) a formativa (vou adaptando os conteúdos de acordo com as necessidades da turma e o nível de aprendizagem) e a somativa (para atender as determinações do Estado, no sentido de estabelecer notas)”.

As professoras, Margarida e Rosa, acreditam nas mesmas perspectivas: que a avaliação deve ser diagnóstica, formativa, somativa e acima de tudo, contínua. E ao ser contínuo, elas se beneficiam de um maior nível de autonomia, pois segundo Perrenoud (1999, p. 31):

“[...] cada professor pode de modo mais fácil – sem, aliás, tomar forçosamente consciência disso – adotar sua própria definição da excelência, apropriando-se e especificando, à sua maneira, as normas de excelência estabelecidas pela instituição, nelas investindo sua própria concepção da cultura e do domínio”.

Podendo dessa maneira, ser justo e moderador nas formas de se conceber enquanto avaliador, pois a avaliação deve ser expressão de recursos estratégicos das quais reúnam o nível de inteligência operatória e o chamado senso comum, onde o pensamento primeiro se forma e junto dele o embasamento inicial sobre os argumentos da sociedade a qual compõe.

A escola precisa estar atenta ao grau de transferência desses modos de se conceber na avaliação, revendo inclusive sua própria prática, na qual buscamos entender: E o que fazer com os resultados que se obtém? Pois é bem comum que os meios sejam punitivos ou até mesmo desencorajadores para prosseguir, a escola, junto com toda a equipe pedagógica, ao conhecer a realidade de cada um de seus alunos poderá empregar resultados mais eficientes. Foi o que quisemos saber ao questionar as professoras: **os resultados dos processos avaliativos dos alunos gera reflexão sobre os meios como estão sendo avaliados?** Obtivemos as seguintes respostas:

Margarida: “sim, pois é a partir dos resultados dessas avaliações que é feita uma auto avaliação da prática pedagógica, verificando o que é necessário mudar para poder ajudar os educandos”.

Rosa: “sim, sempre me pergunto onde eu posso melhorar para que cada aluno tenha uma aprendizagem significativa. Não adianta ter todo o suporte em termos de materiais e estrutura, se o aluno tem problemas familiares ou a frequência na escola é muito baixa. É necessário um equilíbrio, por isso eu tento ver o aluno como um todo, o progresso dele no decorrer do bimestre e diminuir suas dificuldades, ressaltando os pontos positivos. Cada aluno é único e muitos deles passam por situações familiares muito difíceis, por isso que faço o diagnóstico e também vou saber um pouco do histórico familiar daqueles que apresentam um rendimento abaixo do esperado”.

Flor: “sim, pois por meio dos resultados que obtém, podemos ver quais as reais necessidades que eles sofrem e junto da família entender o porquê de estar acontecendo”.

Ao concordarem que a avaliação deve ser objeto de reflexão, as professoras apontam a família e o contexto social onde as crianças estão inseridas como sendo passíveis de observação para se entender os resultados avaliativos, além de apontarem a melhora na própria prática diante das dificuldades. O que para nós enquanto pesquisadores, revela um grande avanço dentro da perspectiva avaliativa, pois passa a considerar o aluno como pertencente a um contexto plural e que está sujeito a vivenciar experiências diferentes umas das outras, e ao levar isso em consideração à avaliação feita pelo professor passa a ser tolerante e passível de mudanças para os melhores resultados, não só quantitativos, mas de qualidade da aprendizagem que será adquirida.

O modelo tradicional de avaliação trouxe uma perspectiva reducionista da avaliação, que classifica e exclui os estudantes. Ao longo dos tempos as visões e correntes teóricas vigentes passaram a ser “desconsideradas” e buscam cada vez se adaptar a realidade cotidiana de cada comunidade a qual as instituições se localizam. Corroborando com a ideia apresentada por Perrenoud (1999, p. 66):

Soltando as amarras da avaliação tradicional, facilita-se a transformação das práticas de ensino em pedagogias mais abertas, ativas, individualizadas, abrindo mais espaço à descoberta, à pesquisa, aos projetos, honrando mais os objetivos de alto nível, tais como aprender a aprender, a criar, a imaginar, a comunicar-se.

A escola que ainda não rompeu essa barreira, é considerada punitiva e excludente, por isso, ao investigarmos o processo de flexibilização sobre as práticas avaliativas. Questionamos as professoras: **houve mudanças nas formas como se concebem a avaliação, se comparamos o tempo em que você foi aluna e agora como avaliador?** Obtivemos as seguintes respostas:

Margarida: “sim, muitas mudanças ao longo desse tempo, principalmente em relação às atribuições de nota”.

Rosa: “sim, antes era apenas a questão da aprovação, hoje eu percebo que a escola tenta entender o processo como um todo, inclusive trazendo à tona a realidade de cada aluno fora do contexto escolar, procurando respostas para entender o que se passa com cada aluno”.

Flor: “Sim, antes era avaliado através de provas, hoje enquanto professora, procuro diversificar os meios de avaliação, pois às vezes o aluno não vai bem à prova escrita, porém consegue realizar as atividades no dia a dia”.

As afirmações das professoras nos levam a conclusão de que, as instituições onde desenvolvem seus trabalhos, atendem a perspectiva de uma escola que enxerga o discente no seu potencial integral, a qual viabilizam os meios e condições para que os mesmos não saiam da escola por “medo” da avaliação. O que vai ao encontro com a perspectiva apresentada por Freire em sua obra sobre a pedagogia da autonomia, na qual ele discorre que:

[...] A questão que se coloca a nós, enquanto professores e alunos críticos e amorosos da liberdade, não é, naturalmente, ficar contra a avaliação, de resto necessária, mas resistir aos métodos silenciadores com que ela vem sendo às vezes realizada. A questão que se coloca a nós é lutar em favor da compreensão e da prática da avaliação enquanto instrumento de apreciação do que-fazer de sujeitos críticos a serviço, por isso mesmo, da libertação e não da domesticação. Avaliação em que se estimule o “falar a” como caminho do “falar com”. (FREIRE, 1997, p. 116).

Reforçando o que é apresentado por Freire em uma perspectiva libertadora das práticas avaliativas, as professoras demonstram a continuidade da ação de avaliar.

É importante durante esse processo de avaliação a valorização da não ruptura entre teoria e prática, o que é evidente nas palavras de Veiga (2008):

Ao valorizar a prática como componente formador, em nenhum momento assume-se a visão dicotômica da relação teoria-prática. A prática profissional da docência exige uma fundamentação teórica explícita. A teoria também é ação e a prática não é receptáculo da teoria. Esta não é um conjunto de regras. É formulada e trabalhada com base no conhecimento da realidade concreta. A prática é o ponto de partida e de chegada do processo de formação.

A base de formação docente deve ter espaço para receber novas fontes de informação, como o que é de interesse dos próprios estudantes. Mas para isso, deve estar firmada a intrínseca relação na contextualização histórico social, entre o que fala na teoria e o que se aplica na prática, valorizando dessa maneira, o caminho que o estudante precisará percorrer entre o conhecimento popular e o que de fato a ciência comprova, possibilitando novos olhares e descobertas. Tornando assim a escola, um ambiente de pertencimento, no qual os alunos vão movidos pela intensidade das ações e não somente pela cobrança de obterem os melhores resultados.

A escola ganha credibilidade quanto ao número de alunos que atendem, pois sub julga-se que quanto mais alunos matriculados e ativos nas instituições, mas os processos sistêmicos caminham rumo ao êxito, e ao entender que o número de evasão das escolas, em partes ocorrem pelo desinteresse nos meios pelo qual os alunos são avaliados. Como um reflexo social no qual “na sociedade capitalista a escola tem a função de transmitir às pessoas certas competências e habilidades para que elas atuem competitivamente num mercado de trabalho altamente seletivo e restrito” (POTTKER E LEONARDO, 2014, p.220).

Instigamos as professoras a pensar no que as levam a garantir que seus alunos não se desinteressem pelas práticas avaliativas predeterminadas. Foi possível elencar as seguintes afirmações:

Margarida: “estou sempre analisando os conteúdos ministrados nas aulas ensinando-os de várias formas com atividades variadas, optando sempre por debater em grupo, interpretações orais, atividades lúdicas que estimulam e desafiam os educandos a pensar”.

Rosa: “Converso muito, digo que tudo que se aprende na escola a gente leva para a vida. Procuo ouvir cada aluno e com isso eu identifico se o conteúdo dado teve realmente significado”.

Flor: “nós avaliamos e dependendo de como se encontrar a turma retornamos os assuntos trabalhados”.

As falas das professoras Margarida e Rosa se aproximam mais da perspectiva que induz o estudante a se sentir autoconfiante, pois subsidia meios de diálogos e acordos antes do ato em si da avaliação, já a fala da professora flor reflete a visão de

fazer e refazer diante do erro, a qual pode ainda ser considerada arriscada a perder os alunos, pois só depois do resultado negativo se buscam os meios de superá-los.

Luckesi (2005) afirma ser inevitável a busca constante em trabalhar conscientemente com avaliação, abrindo mão dos exames como recurso de controle disciplinar dos alunos e utilizando a avaliação como recurso de diagnóstico e reorientação da aprendizagem. Argumenta que, para isso, é preciso que o professor abandone a prática de autoritarismo e abra espaço para o diálogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação ao ser compreendida, ao invés de usada somente como uma forma de regular o que é passado em sala, ganha o poder de entender a realidade do cotidiano que os alunos estão sujeitos e (re)planejar a ação educativa, valorizando dentro da relação pedagógica o sujeito do educando.

Tendo em vista o entendimento de que a qualidade do ensino é algo a ser construído, e dessa mesma forma, é um processo tão singular de cada docente, implicando em todas as relações que a partir dela estão sujeitas, a escola deve ser vista como um espaço de convivência, troca coletiva e de acolhimento para que subsequente a isso exista a permanência do estudante e a superação dos limites e possibilidades dentro do espaço institucional e sobre os saberes decorrentes das práticas pedagógicas.

Compromissada com o desenvolvimento crítico e autônomo a educação se desperta para novos paradigmas, nos quais a avaliação presume mais a qualidade do que a quantidade. Cabe dessa forma, ao professor enquanto avaliador, garantir os espaços de troca e não resumir sua prática a classificar os alunos.

Na busca pela coerência entre o discurso que prega a democracia e a prática que muitas vezes passa a ser autoritária, a avaliação deve antes de tudo ser uma relação horizontal entre educando e educador, que em suas singularidades precisam ser considerados conforme sujeitos plenos de possibilidades de intervenção.

No entanto, as respostas das professoras, nos levam a refletir se a teoria de fato vem sendo discutida e colocada em prática na sala de aula, pois aplicar os meios

de avaliação para além do diagnóstico, da formação, da soma dos números e de sua continuidade é dar sentido ao que o aluno vivencia nesse meio tempo dentro do espaço escolar, portanto, aplicar os meios de avaliação é, antes de tudo, para o professor, a ressignificação da prática pedagógica, na qual dá sentido às relações e diálogos que as aulas proporcionam, permitindo que os discentes empreguem em suas vidas cotidianas o que vivenciam na escola de maneira harmônica e fluída.

A didática docente no cenário de avaliação é tida como o que atrai ou afasta o aluno das atividades escolares, dessa maneira, os professores devem entender o seu próprio “processo de formação como multifacetado, plural, que tem início, mas, nunca se finda”. (VEIGA, 2008). Entre as tarefas dos professores está, portanto, o dever de repensar o que tem dado certo ao longo dos anos de formação e se reinventar.

O processo de reinvenção deve acontecer, entre outras maneiras, na forma de garantir a participação dos estudantes na escolha dos instrumentos de avaliação e mesmo durante esse processo, que os professores possam pensar na singularidade de cada um, abrindo espaço para uma avaliação flexível, mas que não deixe de considerar o estudante como sujeito integral que se desenvolve em ritmos próprios. O espaço da sala de aula e principalmente o ato avaliador deve caminhar no sentido interdisciplinar a fim de conceber sujeitos que sejam capazes de atuar sobre a sociedade de forma autônoma e crítica.

Dessa maneira, o professor, seja ele atuante ou aquele que se prepara para tal ofício, deve ter clareza de que a avaliação não é um mero processo de quantificar, classificar ou separar as pessoas, mas deve ser vista como o ato de refletir sobre o que dá e o que não dá resultado diante do cenário social e político. E se dar resultado implicar tão somente em tirar as melhores notas, o processo de avaliação será falido, pois não proporcionou a oportunidade de fazer diferente e despertar o sentido integral do que de fato é o desenvolvimento.

A temática, avaliação desperta por vezes o sentido subjetivo em quem é avaliado, as vezes a ideia de incoerência, de injustiça ou até mesmo de “marcação” por parte do professor pode despertar a falta de motivação que os estudantes precisam para se engajarem dentro do espaço da sala de aula. Por esse motivo, a pesquisa não se finda, pois vimos apenas uma vertente sobre essa prática, mas desperta em nós o sentido de continuidade em buscar novas respostas e quem sabe apresentar inovadoras soluções por meio de debates e encontros com os professores, tendo em vista que a avaliação pode ser um ato de permanência ou desmotivo para

se estar na escola, devemos pensa-la como constante em nosso processo de aprendizagem, a fim de trazer múltiplas maneiras de se colocá-la em prática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica** / Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação, Brasília, DF, 2017. Versão final. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf acesso dia: 04/01/2019.

BRASIL. **Instituto nacional de estudos e pesquisas educacionais anísio teixeira nota técnica nº 10/2019/cgim/daeb**. Brasília/DF, 2019. Link disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2019/documentos/Nota_tecnica_Detalhamento_da_populacao_e_resultados_do_Saeb_2019.pdf acesso em: 29/09/2019.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases Nacional da Educação**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm acesso dia: 08/09/2019.

BRASIL, Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Nota técnica nº 10/2019/cgim/daeb**. Processo nº 23036.003734/2019-57. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_basica/saeb/2019/documentos/Nota_tecnica_Detalhamento_da_populacao_e_resultados_do_Saeb_2019.pdf acesso em: 08/01/2020

CALDEIRA, A. M. S.. **Avaliação e processo ensino-aprendizagem**. Presença Pedagógica, Belo Horizonte – MG, v. 3, n.17, p. 53-61, 1997.

CHUEIRI, Mary Stela Ferreira. **Concepções sobre a Avaliação Escolar**. Estudos em Avaliação Educacional, v. 19, n. 39, jan./abr. 2008. Link disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/eae/article/viewFile/2469/2423> acesso em: 25/08/2018.

CRUZ, D.M. **Aprender e ensinar através de videoconferência**: percepções e estratégias de alunos e professores num ambiente tecnológico interativo. Tecnologia Educacional, v.29 (145), 1999.

DESLANDES, Suely Ferreira. Pesquisa social: Teoria, método e criatividade. 28 ed. Petropolis, RJ: Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler. 50. ed. São Paulo: Cortez, 1992a.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4 ed. São Paulo. Atlas, 2002.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover**: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001.

Lakatos, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. - São Paulo: Atlas 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**: estudos e proposições. 20 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem na escola**: reelaborando conceitos e recriando a prática. 2. ed. rev. Salvador: Malabares Comunicação e Eventos, 2005.

Luckesi, Cipriano Carlos. **O que é mesmo o ato de avaliar a aprendizagem?**
Disponível Pátio On-line
Pátio. Porto alegre: ARTMED. Ano 3, n. 12 fev./abr. 2000.

MIRAS, M. SOLÉ, I. **A evolução da aprendizagem e a evolução do processo de**

ensino e aprendizagem in Coll, C., PALACIOS, J., MARCHESI, A.
Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia da educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

OLIVEIRA, Gerson Pastre de. **Avaliação Formativa nos Cursos Superiores:** verificações qualitativas no processo de ensino-aprendizagem e a autonomia dos educandos. OEI-Revista Iberoamericana de Educación (ISSN: 1681 -5653) link disponível em:
https://www.researchgate.net/profile/gerson_oliveira5/publication/306064679_avaliacao_formativa_nos_cursos_superiores_verificacoes_qualitativas_no_processo_de_ensino-aprendizagem_e_a_autonomia_dos_educandos/links/57ad713f08ae0932c975083f/avaliacao-formativa-nos-cursos-superiores-verificacoes-qualitativas-no-processo-de-ensino-aprendizagem-e-a-autonomia-dos-educandos.pdf acesso em: 17/09/2018.

PELLEGRINI, Denise. **Avaliar para ensinar melhor.** Revista Nova Escola. Diretor Udemo. Projeto pedagógico. 2008 (p.74-75).

PERRENOUD, Philippe. **Construir as competências desde a escola.** Ed. ArteMed, 1999.

RIBEIRO, Benvinda B. D. **A função social da avaliação escolar e as políticas de avaliação da educação básica no Brasil nos anos 90:** Breves considerações. 2005. P.127-142. Link disponível em:
<https://www.revistas.ufg.br/interacao/article/view/1530/1511> acesso em: 25/08/2018.

Portal do MEC. **Ministro da Educação anuncia mudanças no sistema de avaliação a partir de 2019.** Link disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/65791-ministro-da-educacao-anuncia-mudancas-no-sistema-de-avaliacao-a-partir-de-2019> acesso em: 10/01/2020

POTTKER, Caroline Andrea;LEONARDO, Nilza Sanches Tessaro. Professor-psicopedagogo: o que este profissional faz na escola. **Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.** SP. V. 18, 2014. 219-227
Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pee/v18n2/1413-8557-pee-18-02-0219.pdf>>
Acesso em: 10/09/2019.

RIBEIRO, Sérgio Costa. **A pedagogia da repetência.** Trabalho parcialmente financiado pelo Projeto: Análise de Sistemas de Ensino. Uma abordagem demográfica. Convênio: Fundação Ford/USP-NUPES/LNCC nº 905-0334. Estudos

avancados, 1991. (p.7-21) Link disponível em:
<http://www.scielo.br/pdf/ea/v5n12/v5n12a02.pdf> acesso em: 02/07/2019.

SAUL, Ana Maria. **Avaliação emancipatória**: desafio à teoria e à prática de avaliação e reformulação de currículo. São Paulo: Cortez, 1988.

VIEIRA, Vânia Maria de Oliveira. **Avaliação educacional**: algumas contribuições teóricas para a formação de professores. RPD – Revista Profissão Docente, Uberaba, v.8, n. 17, p 120-151 , ago/dez. 2009 – ISSN 1519-0919

APÊNDICE

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO ESTRUTURADO APLICADO COM AS PROFESSORAS

Perfil Sócio econômico

Nome: _____

Idade: _____ Formação: () magistério () superior. Qual? _____

Especialização: () sim () não. Qual? _____ Outras
formações: _____

Tempo de atuação na educação: _____ Público alvo: _____

1. De acordo com sua vivência pedagógica. O que você entende como avaliação?
2. Diante da verificação das avaliações, a equipe pedagógica busca soluções para reverter as situações que não são exitosas?
3. Como é garantida a participação desses alunos nos processos de verificação?
4. A escola executa quais avaliações empregadas pelo sistema? E com que periodicidade?
5. O que é feito sobre os resultados numéricos encontrados por meio das provas necessárias ao sistema de uma forma mais ampla?
6. Quais os meios mais utilizados e que vocês julgavam indispensável no processo de avaliação?
7. Os resultados dos processos avaliativos dos alunos geram reflexões sobre os meios como estão sendo avaliados?
8. Houve mudanças nas formas como se concebem a avaliação, se comparamos o tempo em que você foi aluna e agora como avaliador?
9. O que leva a garantir que seus alunos não se desinteressem pelas práticas avaliativas predeterminadas?

APÊNDICE II

RESPOSTA AO QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS PROFESSORAS

Perfil sócio econômico:

Margarida: formação em magistério, especialista em psicopedagogia Institucional e Clínica e Educação Especial, tem 32 anos, atua como docente a 10 anos, em 2019 atendendo ao público do 4º ano, o qual já trabalha a 6 anos com crianças da mesma faixa etária.

Rosa: Formada em pedagogia especializada em psicopedagogia e em Gestão, tem 33 anos, e atua na educação a 3 anos, em 2019 atendendo ao público de 4º ano, o qual atua já a 1 ano com crianças da mesma faixa etária.

Flor: Formada em pedagogia, especializada em psicopedagogia, tem 44 anos, atua como docente a 13 anos e o público alvo do ano de 2019 é uma turma do 2º ano, o qual trabalha a 2 anos com crianças da mesma faixa etária.

1. **Margarida:** “a avaliação é um meio de observação sobre os avanços e as dificuldades de cada educando, onde a partir daí os educadores irão planejar suas ações para ajudar o educando a prosseguir com êxito seu processo de escolarização”.

Rosa: “um instrumento que o professor tem para verificar o conhecimento que cada aluno possui ou adquiriu em um determinado momento”.

Flor: “através das atividades realizadas em sala de aula sendo ela contínua, vendo como um instrumento utilizado para avaliar a aprendizagem dos educandos”.

2. **Margarida:** “se pensam em novos métodos diante das dificuldades, a grande dificuldade em trabalhar sobre o que cada estudante apresenta como dificuldade, se deve ao número elevado na turma”.

Rosa: “durante as reuniões e os planejamentos a coordenadora sempre dá sugestão para que se possa melhorar a aprendizagem dos alunos. Exemplos: trabalhar com jogos, dinâmicas, músicas, filmes, atividades fora da escola, atividades lúdicas com o uso de diversos materiais, inclusive tecnológicos como o computador e o projetor”.

Flor: “as práticas são planejadas justamente pensando nas dificuldades dos estudantes”.

3. **Margarida:** “A participação no processo de escolha não acontece, os instrumentos de escolha para avaliação são apenas explanados e eles tem conhecimento de como irá acontecer”.

Rosa: “converso bastante sobre minhas vivencias e sempre induzo os alunos a falarem sobre como se sentem, digo que já fui aluna e quando se tem dúvida devemos sempre conversar e não ter vergonha nunca de errar, nós aprendemos com nossos erros e também com a prática diária”.

Flor: “Incentivo e diversifico os meios de avaliar, sempre encorajando os estudantes”.

4. **Margarida:** “A escola executa avaliação do sistema e com periodicidade a cada última semana do bimestre, é realizada a semana de provas no qual é um dia para realização de 2 disciplinas”.

Rosa: “Todo bimestre temos avaliação escrita de cada disciplina”.

Flor: “A prova SAEB que é utilizada para verificar o encerramento de ciclo”.

5. **Margarida:** “os resultados são encaminhados para a equipe da escola, onde depois eles mesmos fazem uma devolutiva a escola”.

Rosa: “os números ajudam a direção a entender o processo de aprendizagem de forma geral. Acredito que toda escola tende a melhorar seus índices e quando isso não acontece, a escola entra num cenário negativo deixando de atingir o que foi estabelecido pelo Estado.”.

Flor: “direcionam a direção e a nós professores para trabalharmos em cima do que não foi aprendido”.

6. **Margarida:** “durante todo esse tempo de sala de aula, acredito que as formas de avaliação indispensáveis para verificar a aprendizagem dos educandos são a avaliação diagnostica e a avaliação formativa, porem a avaliação ela é contínua, ou seja, a todo instante estamos avaliando os educandos, até mesmo em dinâmica, jogos e brincadeiras e não apenas através da prova escrita”.

Rosa: “Diagnostica (para identificar o nível de conhecimento do aluno) a formativa (vou adaptando os conteúdos de acordo com as necessidades da turma e o nível de aprendizagem) e a somativa (para atender as determinações do Estado, no sentido de estabelecer notas) ”.

Flor: “todas as formas de avaliação são importantes, desde o questionamento oral, atividades do dia-a-dia, trabalho em grupo e as provas”.

7. **Margarida:** “sim, pois é a partir dos resultados dessas avaliações que é feita uma auto avaliação da prática pedagógica, verificando o que é necessário mudar para poder ajudar os educandos”.

Rosa: “sim, sempre me pergunto onde eu posso melhorar para que cada aluno tenha uma aprendizagem significativa. Não adianta ter todo o suporte em termos de materiais e estrutura, se o aluno tem problemas familiares ou a frequência na escola é muito baixa. É necessário um equilíbrio, por isso eu tento ver o aluno como um todo, o progresso dele no decorrer do bimestre e diminuir suas dificuldades, ressaltando os pontos positivos. Cada aluno é único e muitos deles passam por situações familiares muito difíceis, por isso que faço o diagnóstico e também vou saber um pouco do histórico familiar daqueles que apresentam um rendimento abaixo do esperado”.

Flor: “sim, pois por meio dos resultados que obtém, podemos ver quais as reais necessidades que eles sofrem e junto da família entender o porquê de estar acontecendo”.

8. **Margarida:** “sim, muitas mudanças ao longo desse tempo, principalmente em relação às atribuições de nota”.

Rosa: “sim, antes era apenas a questão da aprovação, hoje eu percebo que a escola tenta entender o processo como um todo, inclusive trazendo à tona a realidade de cada aluno fora do contexto escolar, procurando respostas para entender o que se passa com cada aluno”.

Flor: “Sim, antes era avaliado através de provas, hoje enquanto professora, procuro diversificar os meios de avaliação, pois às vezes o aluno não vai bem à prova escrita, porém consegue realizar as atividades no dia a dia”.

9. **Margarida:** “estou sempre analisando os conteúdos ministrados nas aulas ensinando-os de várias formas com atividades variadas, optando sempre por debater em grupo, interpretações orais, atividades lúdicas que estimulam e desafiam os educandos a pensar”.

Rosa: “Converso muito, digo que tudo que se aprende na escola a gente leva para a vida. Procuro ouvir cada aluno e com isso eu identifico se o conteúdo dado teve realmente significado”.

Flor: “nós avaliamos e dependendo de como se encontrar a turma retornamos os assuntos trabalhados”.